

# **Acessibilidade cultural e educação ambiental/patrimonial para surdos através do uso de imagem no museu**

## **Cultural accessibility and environmental / heritage education for the deaf through the use of image in museum**

**Dirceu Mauricio van Lonkhuijzen**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
dirceu@mcdb.org.br

**Icléia Albuquerque de Vargas**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
icleiavargas@yahoo.com.br

**Ângela Maria Zanon**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
zanon.ufms@gmail.com

### **Resumo**

O texto é produto de leituras e reflexões realizadas durante o curso de mestrado em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. É fruto, também, de experiências em acessibilidade nas ações educativas desenvolvidas junto ao Museu de Culturas Dom Bosco (MCDB), em Campo Grande (MS). De forma sucinta são apresentadas algumas possibilidades de utilização das imagens no museu, de forma acessível a um público especial. Neste caso, é destacada a utilização da linguagem visual para o público de surdos em espaço educativo não formal. Como resultado, obteve-se o desenvolvimento de novos sinais para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) correspondentes aos significados dos termos “arqueologia” e “etnia”, assim como a produção de materiais de apoio às ações educativas direcionadas a surdos. , visando o para que futuramente os visitantes, estudantes surdos e profissionais interessados no estudo do acervo do museu MCDB e na língua de sinais possam utilizá-los como fontes de ensino e pesquisa.

**Palavras Chaves:** inclusão, educação ambiental, Libras.

## **Abstract**

The text is the result of readings and reflections made during the course of Master's degree in Science Education from the Federal University of Mato Grosso do Sul is the result, too, experience in accessibility in educational activities developed by the Museum of Cultures Don Bosco (MCDB), in Campo Grande (MS). Succinctly presents some possibilities for using the pictures in the museum, in an accessible way to a special audience. In this case, the use of visual language for the deaf public non-formal educational space is highlighted. As a result, we obtained the development of new signs for the Brazilian Sign Language (Libras) corresponding to the meanings of the terms "archeology" and "ethnicity" as well as the production of materials in support of educational activities aimed at deaf. , Aimed at so that future visitors, deaf students and professionals interested in the study of MCDB museum's collection and sign language can use them as sources of teaching and research

**Key words:** inclusion, environmental education, Libras

## **Introdução**

Desde sua reinauguração em 2009, o Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), museu vinculado à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), está localizado no Parque das Nações Indígenas na cidade de Campo Grande (MS). Instalado em um espaço moderno, o MCDB foi planejado para cumprir sua missão de ampliar o acesso das pessoas ao conhecimento científico, por meio de conservação de acervos e difusão de referências patrimoniais arqueológicas, etnográficas e das ciências naturais, a fim de dar suporte ao ensino, à pesquisa e à extensão da UCDB e de todos os visitantes/usuários.

Acompanhando as mudanças vigentes na sociedade contemporânea, o MCDB vêm abrindo-se para novos públicos, buscando novas estratégias que apontem para diferentes caminhos e possibilidades de discursos expositivos acessíveis, visando alcançar a sociedade como um todo, seguindo assim a teoria da complexidade (MORIN, 2001). Ressaltar a ideia de 'todo', implica também considerarmos, como lembra o geógrafo Milton Santos, algo complexo que vai além do todo formado por partes, mas sim um 'todo' formado pelas inter-relações das diferentes partes (SANTOS, 1994), trazendo questionamentos que vêm demandando novas formas de leitura do mundo (MORIN, 1996).

Talvez, por isso, as ideias de acessibilidade cultural e educação ambiental/patrimonial ainda não sejam vistas objetivamente como algo complexo, ou sistêmico, que avançam além das questões físicas de como chegar a determinados locais ou equipamentos turísticos, educativos e culturais, mas, de fazer com que todos tenham o acesso à

informação e consigam compreender conteúdos e conceitos destes serviços e espaços. Ou seja, pensar em espaços educativos e culturais em lugares onde os serviços estejam adequados para serem alcançados, acionados, utilizados e vivenciados por qualquer pessoa, independente de sua condição física ou comunicacional (SARRAF, 2010, p. 28).

Pode-se entender a Educação Ambiental como processos de conhecimento e reconhecimento complexos, tais como:

[...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Lei nº 9795/1999, Art 1º BRASIL, 1999).

Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política. (MOUSINHO, 2003).

Quanto ao conceito de Educação Patrimonial, Horta, Grunberg e Monteiro (1999), afirmam:

(...) a Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 6).

Neste trabalho, buscamos a acessibilidade cultural numa perspectiva conhecida como pós-crítica, apresentando abertura para as propostas interculturais e multiculturais da não formalidade. Conseqüentemente, há necessidade de compreender uma sociedade constituída de identidades plurais, que incluem pessoas com deficiência.

Para Teixeira Coelho, podemos entender acessibilidade cultural como:

Permitir que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, participem de atividades que incluem o uso de produtos e serviços dos equipamentos culturais, tais como: cinemas, teatros, museus, exposições entre outros (TEIXERA COELHO, 2004).

Com relação aos museus, a função educativa vem sendo utilizada para validar sua utilidade social. Então, pode-se conceber a educação não formal como parte do conjunto de processos, facilitando a ideia de educação como uma forma de vida, como algo

desejável para assimilar os acontecimentos diários e como atitude positiva em relação ao mundo (HOOPERGREENHILL, 1998).

Neste sentido, os museus são vistos como espaços multiculturais e interdisciplinares, como ambientes de contemplação, questionamento, descoberta, resignificação, mediação, encantamento, entretenimento, confronto/problematização e diálogo.

## **Objetivo**

O trabalho, desenvolvido no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), teve como principal objetivo, possibilitar acesso às informações de suas exposições e ações educativas disponibilizadas no acervo do museu, proporcionando aos diferentes públicos, em especial, aos alunos e professores surdos e intérpretes de Libras, condições para conhecerem e produzirem conhecimentos nas suas relações com as coleções do MCDB.

Entende-se, entretanto, que um dos caminhos para se alcançar este objetivo com o público de alunos e visitantes surdos é a criação de novos sinais em Libras, pelo uso de imagens e objetos do acervo do próprio museu.

Nesta mesma direção, a Educação Patrimonial serve como forma de mediação cultural, na qual as estratégias se apresentam na forma de: observação, diálogo, registro, exploração e apropriação de informações e conceitos (GRUNBERG, 2007).

Acredita-se que a mediação, com base na Educação Ambiental e Patrimonial crítica, deve partir da problematização do real, em um processo contínuo de aprendizagem pelas diferentes formas de diálogo e pela ação e reflexão no contexto onde está inserida. Para que este diálogo aconteça de maneira eficaz na cultura surda é necessário o uso de uma linguagem visual. Mas quem é considerado surdo?

De acordo com o Art. 2º. do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005,

É considerada pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005).

Ronice Quadros define o surdo da seguinte forma:

Surdos, são as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. (...) Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes (QUADROS 2004, p.10).

## Metodologia

A partir da parceria do MCDB com o Centro de Atendimento a Pessoa Surda da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul (CAS/SED-MS) inicia-se a construção de uma metodologia participativa, visando à mediação cultural entre o museu e o público alvo. Este foi constituído por alunos e professores surdos, demais professores envolvidos no projeto, além dos intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A proposta de acessibilidade à comunicação foi estabelecida pela Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, a qual:

(...) incumbe ao Poder Público promover a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecer mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação às pessoas com deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação para garantir-lhes o direito, entre outros, de acesso à informação, à comunicação, à cultura, e ao lazer (BRASIL, 2000).

A primeira etapa desta pesquisa se deu por meio da oferta de uma vaga em um curso de Libras para um funcionário do MCDB. Em contrapartida, os profissionais do CAS/SED/MS participavam de visitas guiadas no museu, explorando o ambiente de estudo e conhecendo o acervo existente. Com essa dinâmica ocorreram descobertas que foram cuidadosamente registradas por meio de fotografia e vídeo, registros utilizados nas reuniões periódicas de estudos. Após a apropriação de conceitos básicos sobre Libras, pelo funcionário do MCDB, os profissionais das instituições parceiras passaram a se dedicar mais aos estudos dos conteúdos referentes à educação ambiental/patrimonial e às coleções de arqueologia e etnologia do museu.

Isso estimulou um processo de aprendizagem recíproca. Enquanto o profissional do MCDB descobria as riquezas da Libras, a equipe do CAS/SED-MS e seus colaboradores surdos se deslumbravam com as histórias visuais e experiências com o acervo do museu. A equipe de trabalho investigou a existência de sinais em Libras relacionados aos termos “arqueologia” e “etnologia”, constatando que ainda não haviam sido criados sinais para essas palavras. Diante dessa inexistência, os termos em questão, constituídos por palavras extensas, vinham sendo apresentadas nessas atividades, a todo instante, por meio da datilologia, ou seja, o alfabeto manual. Para facilitar a comunicação, possibilitar os estudos e a interpretação dos conteúdos direcionados para as áreas da arqueologia e da etnologia, o grupo decidiu produzir novos sinais (Libras) para se trabalhar os conteúdos da formação. Foram criados os novos sinais, léxicos correspondentes à “arqueologia” e à “etnia”. Entende-se léxico linguístico o conjunto de signos por meio dos quais o homem não só se expressa, mas também cria novos conhecimentos (BARBOSA, 1998).



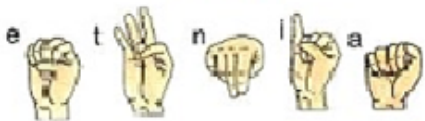

Quanto ao léxico para a criação dos novos sinais em Libras, o corpo e o espaço ao seu redor são usados no discurso em Libras, para descrever os significados que estão sendo representados. Sendo usados padrões linguísticos cognitivos sugerindo que

componentes adicionais se revelam nessas representações icônicas, tais como: o sujeito, o ponto de visualização, a progressão temporal e conceitos da palavra em português. A identificação desses componentes contribui para uma maior separação na descrição dos vários tipos de representação observados no discurso em Libras, o que, por sua vez, leva o surdo a um maior entendimento de questões que envolvem a representação.

Assim, a partir dessas premissas, apoiados em recursos visuais como as réplicas de artefatos arqueológicos e etnográficos, fotografias e vídeos do acervo do museu, os participantes deste trabalho vêm criando novos sinais em Libras, voltados para área da arqueologia e etnologia, que hoje se encontram em uso pela comunidade surda de Mato Grosso do Sul, podendo ser apropriados por grupos de outras regiões.

## Resultados

Diante dos avanços apontados neste artigo, tem-se a convicção de que os resultados foram positivos e acompanham o crescimento do MCDB na busca pela ampliação da acessibilidade ao conhecimento científico para todos os públicos. Estando o projeto ainda em andamento, é possível afirmar que o seu principal produto foi a criação dos novos sinais em Libras, dentre os quais, os correspondentes aos termos “arqueologia” e “etnia”. É importante ressaltar que tais sinais foram criados tendo como referência o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (CAPOVILLA, RAPHAEL, 2001) e nos conceitos próprios de cada ciência.

SOLETRAÇÃO DIGITAL - DATILOLOGIA	NOVOS SINAIS EM LIBRAS
<p style="text-align: center;"><b>A-R-Q-U-E-O-L-O-G-I-A</b></p> 	
<p style="text-align: center;"><b>E-T-N-I-A</b></p> 	

Quadro 1: Ilustração dos novos sinais de arqueologia e etnia; ilustrador Jefferson Candia.

Para a definição lexical do novo sinal, a profissional de linguística do CAS, participante do grupo de trabalho, utilizou-se do conhecimento de conceitos específicos da área estudada. Por exemplo, para o sinal correspondente ao termo “arqueologia” utilizou o

sinal correspondente à “pedra”, referente a ideia de idade da pedra, adicionando o sinal correspondente à “vassourinha”, ou “pincel”, ou seja, instrumentos utilizados na metodologia de escavação em arqueologia.

Atualmente os novos sinais de “arqueologia” e “etnia” estão em uso pela comunidade surda local, constituída por alunos e professores surdos, intérpretes de Libras, parentes e amigos de surdos. Consequentemente os conteúdos relativos à pré-história e história do Brasil são ensinados pelos professores surdos e apreendido pelos alunos surdos de maneira significativa.

Esperamos que a produção de sinais referentes ao significado das palavras arqueologia e etnias para Libras sirva futuramente os visitantes, estudantes e professores surdos e profissionais interessados no estudo do acervo do museu MCDB e na língua de sinais, podendo também, utilizá-los como fontes de ensino e pesquisa.

Além da troca de experiências entre profissionais do CAS/SED/MS e do MCDB para a criação de novos sinais, outros produtos secundários foram desenvolvidos durante este trabalho, para que os conceitos científicos das áreas de arqueologia e etnologia fossem assimilados pela comunidade surda, tais como: palestras (oralizadas e interpretadas em Libras), mini seminários, videoconferências, banners, visitas técnicas à exposições, acesso a banco de imagens com vídeos e fotografias das coleções de arqueologia e etnologia do acervo do museu.

## **Considerações finais**

A partir das experiências com a acessibilidade cultural e o uso de imagens e objetos do acervo do MCDB, específicos para a comunidade surda, o museu começa a reconhecer suas deficiências estruturais e conjunturais quanto ao complexo conceito de acessibilidade, para assim, com a educação ambiental/patrimonial crítica, minimizar estes obstáculos e conseguir cumprir sua missão de colocar-se a serviço de uma sociedade em constante transformação, incluindo novos públicos e orientando seus trabalhos a fim de sensibilizar os indivíduos sobre o seu patrimônio cultural/natural e de empreender um diálogo constante com seus diferentes públicos. Como também, atraindo-os para o conhecimento científico, por meio de atividades lúdicas e ações educativas de seu acervo.

## **Referências**

BRASIL. *Política Nacional de Educação Ambiental* - Lei nº 9795/1999, Art 1º. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>>. Acesso em: 15 Nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.098/ 2000. *Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade*

*reduzida, e dá outras providências.* Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)>. Acesso em 15 de Nov. 2014.

CAPOVILLA, Fernando César. RAPHAEL, Valquíria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais*. v. I e II; [Ilustrações Silvana Marques] – 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 2001.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Dicionário Didático de Português*. São Paulo, Ática, 1998.

GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, p.24. 2007

HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Los museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones TREA. 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. 1999. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial. IBRAM. 2009. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museu/>.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Portaria nº 466, de 30 de julho de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)>. Acesso em: 15 Nov. 2014.

MORIN, Edgar. *Epistemologia da complexidade*. In: SCHNITMAN, Dora Fried. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes da educação do futuro*. Ed. Cortez, São Paulo, 2001.

MOUSINHO, P. *Glossário*. In: Trigueiro, A. (Coord.) *Meio ambiente no século 21*. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

SARRAF, Viviane, P. *Reabilitação do museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TEIXERA COELHO, José, N. *Dicionário Crítico de Políticas Culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.